

CORAÇÃO DIVINIZADO

“O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração” (Lc 6,45)

A antropologia bíblica considera o **coração** como o interior do ser humano em um sentido muito mais amplo que o das línguas latinas, que evocam a vida afetiva, a sede dos sentimentos...

O **coração** é o centro de nosso ser, o nosso cerne mais íntimo, o coração do coração, que consiste, sobretudo, no lugar do encontro com Deus.

*“O sentido de nossa vida não é outro que a busca deste **lugar do coração**”* (Olivier Clément).

Ou seja, no centro de nós mesmos, unificando nosso ser, está o **coração**, o “cofre” onde se guarda/oculta o que é mais nobre em nós. Por isso Jesus dava tanta importância ao **coração**: *“a boca fala daquilo que o coração está cheio”* (Lc. 6,45); *“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”* (Mt. 5,8).

É no **“coração”** que as **forças vitais** se acham disponíveis para ajudar a pessoa a crescer dia-a-dia, tornando-a aquilo para o qual foi chamada a ser. Trata-se da dimensão mais verdadeira de si, a sede das **decisões vitais**, o lugar das **riquezas pessoais**, onde ela vive o **melhor** de si mesma, onde se encontram os **dinamismos** do seu crescimento, de onde partem as suas **aspirações** e **desejos** fundamentais, onde percebe as dimensões do **Absoluto** e do **Infinito** da sua vida.

O **coração** do ser humano é a própria fonte de sua personalidade consciente, inteligente e livre. É o lugar de suas escolhas decisivas, da lei não escrita e da ação misteriosa de Deus. Trata-se do centro existencial que permite à pessoa orientar-se como um todo e plenamente em direção a Deus e ao bem.

No coração está gravada a imagem divina oculta, *“o homem de coração oculto”* (1Pd. 3,4). S. Serafim de Sarov o denomina *“o altar de Deus”*.

Aqueles que descem às **profundidades** do seu interior ficam fascinados pelo esplendor daquilo que contemplam. O **coração** de cada um está habitado de sonhos de vida, de futuro, de projetos; aqui, todo ser humano sente-se seduzido pelo que é verdadeiro, bom e belo; busca ardentemente a pacificação, a unificação interior, a harmonia com tudo e com todos...; sente ressoar o chamado da **verdade**, o magnetismo do **amor**, da plenitude; sente-se atraído por um desejo irreprimível de **auto-transcendência**...

Por ser livre e responsável, o ser humano é capaz de decisões e de realizações, de ser artífice de seu destino e de sua história. Ele sente por dentro o impulso para a **expansão** de si; ele escuta por dentro o chamado a viver e a viver em **plenitude**.

Nesse sentido, o “coração” é, de nossa parte, o espaço divino por excelência. *“Só o amor pode adentrar-se no Deus que é amor”*.

Assim, a descoberta do próprio **ser profundo** aproxima cada um do autor da vida: **Deus**.

É no **coração**, *“última solidão do ser”*, que a pessoa se decide por Deus e a Ele adere. Aqui Deus marca **“encontro”** com cada um. *“Deus é mais íntimo a cada um de nós do que nós mesmos”* (S. Agostinho).

Chegar ao **lugar do coração** é dom de Deus: *“Eu lhes darei um **coração** para conhecer-me; saberão que eu sou o senhor. Eles serão meu povo e eu serei seu Deus; eles se converterão a mim com todo seu coração”* (Jer. 24,7).

Eis o **“lugar”** onde poderemos estar em segurança, profundamente repousados.

Um **coração** que vibra harmoniosamente, de modo coerente, “com ondas de frequência elevada”, nos permite perceber a realidade de um modo igualmente harmonioso; sua energia radiante, transmissora de paz, de quietude, de confiança, de abertura, alcança os outros, tornando possível o sonho da unidade entre nós e aqueles que estão ao nosso redor.

Para os antigos monges, o contrário desta abertura de coração é a **“sklerokardia”**, ou seja, a “dureza de coração”, que impede a entrada em si mesmo e o encontro com os outros e com Deus. O coração pode palpar ao ritmo da soberba ou da humildade, do amor ou do ódio, do egoísmo ou da generosidade. E está cheio de mesclas: de trigo e de joio.

Quando nosso coração está “fechado”, nossos olhos não veem, nossos ouvidos não ouvem, nossos braços e pés se atrofiam e não se movimentam em direção ao outro; vivemos voltados sobre nós mesmos, insensíveis à admiração e à ação de graças. Quando nosso coração está “fechado”, em nossa vida não há mais compaixão e passamos a viver indiferentes à violência e injustiça que destroem a felicidade de tantas pessoas. Vivemos separados da vida, desconectados. Uma fronteira invisível nos separa do **Espírito** de Deus que tudo dinamiza e inspira; é impossível sentir a vida como Jesus sentia.

A viagem para a própria interioridade, para a terra sagrada do coração, necessita de um hábil discernimento para conhecer as armadilhas e os “inimigos” que aparecem ao longo do percurso.

Quando, numa visão mais profunda de nós mesmos e do mundo, nos vemos como criaturas que surgem do **amor** de Deus, e quando essa visão é fruto de uma vivência interior e transbordante, começa a brotar no coração humano um movimento de **unificação** para Deus.

Esse movimento é feito de confiança, de canto, de amor, de entrega, de serviço...

Por ser **imagem** de Deus, e porque “*Deus é Amor*”, o coração do ser humano é capaz do **melhor**: tem, dada por Deus como dom da Criação, a potencialidade de amar aos outros com o mesmo amor com que Deus lhe ama, ou seja, com um amor gratuito e generoso.

Mas, por ser uma imagem ofuscada pela limitação e pela fragilidade, o coração humano é também capaz do **pior**: de negar sua origem e sair ao encontro com a realidade a partir de suas potencialidades **necrófilas** (forças de morte); de viver dando as costas a Deus e distorcendo a imagem essencial de seu Criador; de se preocupar com o “cisco” no olho do outro, assumindo atitudes intolerantes e julgadoras...

Quando nosso **coração** está centrado em Deus, ou seja, quando ele se percebe que vem d’Ele, vive para Ele e para Ele retorna, tudo está em seu lugar, tudo vai bem. É “*árvore boa que dá bons frutos*”.

As “*coisas*” não são obstáculos, e as pessoas muito menos. Nem sequer o nosso próprio e ambíguo “*eu*” é tentação.

Até nossos instintos mais primários ficam integrados nessa corrente de amor recebido e amor entregue.

Mas quando se produz um **des-centramento** do coração, dá-se um corte com a Fonte e, portanto, com seu destino; quando o coração é presa do “*diá-bolos*” (aquele que desune, que divide), então tudo começa a desandar: o “*eu*” inflado se converte num depredador; os instintos básicos se transformam em obsessões; a vida fica fragmentada e dispersa. Tudo se petrifica. O coração torna-se “oxidado”, pois seus impulsos oblativos não são ativados. “*Não se colhem figos de espinheiros, nem uvas de plantas espinhosas*”.

É a deriva do coração humano, a inversão de sua vocação mais profunda.

Faz-se urgente re-conectar-se com a **Fonte**, onde o coração é continuamente gerado, sustentado, alimentado pelo amor de Deus que o irriga, que o restaura. O coração profundo pode estar desprezado, adormecido, fechado, mas não pode morrer.

Texto bíblico: Lc 6,39-45

Na oração: A oração é o **caminho interior** que faz você chegar até o seu próprio “*eu original*”, aquele lugar santo, intocável, onde reside não só o lado mais positivo de você mesmo, mas o próprio Deus. Este é o nível da **graça**, da **gratuidade**, da **abundância**, onde você é chamado a mergulhar no silêncio, à escuta de todo o seu ser.

- Nas profundezas do seu coração, acolha, escute e reconheça o murmúrio da **voz** de Deus, que, como um rio calmo e ao mesmo tempo vivaz, o(a) acompanha, da nascente ao mar aberto.

